

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

**EXPERIÊNCIAS NO MERCADO DE TRABALHO DE TRAVESTIS CEARENSES:  
ANDANÇAS ENTRE AS TERRAS DE PADRE CÍCERO E SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

Antoniél dos Santos Gomes Filho<sup>1</sup>  
Miguel Ângelo Silva de Melo<sup>2</sup>  
José Antônio Albuquerque Filho<sup>3</sup>  
Érika de Sá Marinho Albuquerque<sup>4</sup>

**RESUMO:** O texto/artigo apresentado em tela tem como objetivo (re)conhecer e analisar as experiências no mercado de trabalho das travestis cearenses, no intuito de realizar uma análise social sobre as condições e possibilidades de atividades laborais para as pessoas LGBT. Metodologicamente a investigação fez uso da História Oral, tendo como informantes travestis cearenses residentes nos municípios de Juazeiro do Norte e Canindé, sendo estes considerados cidades-satúrios, tendo importância cultural e religiosa em âmbito nacional e internacional. Através das entrevistas realizadas juntamente com os aportes teóricos foi possível perceber que as populações LGBT ainda forem discriminação e preconceito no mercado de trabalho, com um agravamento para as populações Ts – Travestis, Transexuais e Transgêneros. Nota-se um movimento, ainda pequeno, das organizações empresariais privadas no campo da gestão da diversidade como meio de modificação desse quadro, mas tendo em vista as construções históricas e sociais que tem na heteronormatividade uma base, há ainda um grande caminho a ser percorrido para a quebra de tais barreiras no mercado e ambiente de trabalho que envolve as populações LGBT.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho. LGBT. Travestis. Juazeiro do Norte-CE. Canindé-CE.

**ABSTRACT:** The text/article presented on screen aims to (re) know and analyze the experiences in the labor market of travestis from Ceará, with the aim of conducting a social analysis about the conditions and possibilities of labor activities for LGBT people. Methodologically the investigation made use of Oral History, having as travestis informant Ceará residents in the municipalities of Juazeiro do Norte and Canindé, these being considered as city-satuaries, having cultural and

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, com área de concentração em História e Educação Comparada. Docente do curso de Administração da Faculdade Vale do Salgado (FVS). Coordenador do Laboratório Interdisciplinar em Estudos Organizacionais e do Trabalho (LIEOT/FVS). Professor-pesquisador do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência (LIEV/UNILEÃO). Especialista em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN). Tecnólogo em Gestão Comercial pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK). E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do curso de Direito do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio do (UNILEÃO). Docente do curso de Direito da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Pesquisador-líder do Laboratório de Estudos da Violência do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio do (LIEV-UNILEÃO). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK) e Advogado de Direitos Humanos. E-mail: crioulo.miguelangelo.melo@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco. Professor substituto do curso de Direito da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Professor do curso de Direito da Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP). Professor do curso de Direito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC). Pesquisador-colaborador do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (LIEV-UNILEÃO). E-mail: albuquerque\_filho@hotmail.com

<sup>4</sup>Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora do curso de Direito da Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP). Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail. Erika-albuquerque@hotmail.com

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

religious importance in national and international scope. Through the interviews carried out together with the theoretical contributions it was possible to perceive that the LGBT populations are still discrimination and prejudice in the labor market, with a worsening for the Ts - Transvestites, Transsexual and Transgender populations. There is a small movement of private business organizations in the field of diversity management as a means of modifying this framework, but in view of the historical and social constructions that have a basis in heteronormativity, there is still a great way to go for the breakdown of such barriers in the market and work environment that surrounds LGBT populations.

**KEYWORDS:** Labor market. LGBT. Travestis. Juazeiro do Norte-CE. Canindé-CE.

## 1. INTRODUÇÃO

O texto/artigo que se apresenta em tela, é frutos das andanças terrestres e intelectuais entre as terras consagradas a Padre Cícero e São Francisco de Assis, respectivamente, Juazeiro do Norte e Canindé no Estado do Ceará. O labor da pesquisa relatada nas próximas páginas foi tecido entre os anos de 2016 e 2017, na Universidade Federal do Ceará, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira (PPGE-UFC) e no Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (LIEV-UNILEÃO), assim, diversos são os aspectos metodológicos que atravessam qualitativamente a investigação. É importante frisar que a abordagem qualitativa, tal como apontam Uwe Flinck (2009) e Joshua Gamson (2006), vêm sendo historicamente utilizadas nas pesquisas em gênero e sexualidade, uma vez que estas possibilitam aos pesquisadores investigar os significados culturais e políticos, além ampliar os espaços para as experiências e vozes que foram apagadas da história oficial.

Assim, priorizou-se a metodologia da História Oral, onde as travestis participantes se tornaram protagonistas da investigação, e, juntamente com a produção científica especializada sobre diversidade sexual e de gênero no mercado de trabalho, possibilitou aos pesquisadores realizar uma leitura social sobre o mundo do trabalho e sua conjuntura em relação às pessoas LGBT, em especial as pessoas Ts (Travestis, Transexuais e Transgênero). De acordo com Gisafran Jucá (2011, p. 31) a história oral “[...] necessita de um apoio teórico, a fim de que não seja classificada como simples técnica a ser empregada de acordo com as conveniências [...]”, pois, se empregada sem apoio teórico, às investigações que pretendem utilizar a história oral como método tornar-se-ão simples estudos descritivos de entrevistas sem uma análise reflexiva das fontes produzidas no campo. É neste sentido que, no desenvolvimento do estudo, nos pesquisadores optamos por não fazer uma separação entre os aportes teóricos e nossas andanças no campo. Percebemos que os aportes teóricos e campo se entrelaçam e dialogam, ora apresentando semelhanças, ora apresentando divergências, em especial no que tange as espacialidades e territorialidades pesquisadas, mas, e

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

neste processo que a emersão do conhecimento e das leituras sociais se faz possível, destarte, a fuga de uma escrita tradicional que separa teoria e campo (achados da investigação) em momentos diferentes não nos é pertinente, pois como diz Gilles Deleuze (1992, p. 17) “Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais [...]”.

Como já mencionado, as participantes do estudo são mulheres Travestis. Laura (28 anos), Marcela (37 anos) e Íris (26 anos) residentes no município de Juazeiro do Norte, e Adriana (26 anos) e Valéria (19 anos) residentes em Canindé. Ressalta-se que ambos os municípios são marcados pelos movimentos de religiosidade popular, tendo como foco as expressões católicas. Como diz Zeny Rosendahl (1996, p. 46) estes municípios se constituem como cidades-santuários, ou seja, “[...] são centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço.”. Esta organização funcional e social atravessa as formas e os meios de trabalho, por isso, o objetivo deste estudo é (re)conhecer e analisar as experiências no mercado de trabalho das travestis informantes da investigação, no intuito de realizar uma análise social sobre as condições e possibilidades de atividades laborais para as pessoas LGBT. Especificamente, buscamos apresentar e confrontar os estudos já publicados sobre mercado de trabalho e pessoas e populações LGBT em organizações empresariais públicas e privadas com as realidades encontradas no campo.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 ANDANÇAS TEÓRICAS E DE CAMPO ENTRE AS TERRAS DE PADRE CÍCERO E SÃO FRANCISCO**

A partir dos estudos sobre movimentos sociais (GOMES FILHO; MELO, 2014; MELO et al., 2017; MELO, 2017), principalmente no que tange às lutas pela visibilidade das pessoas LGBT na sociedade, refletir sobre o mercado de trabalho está intrinsecamente ligado a estes processos sociais de luta e reivindicação. Assim, como nos movimentos feministas, uma das pautas dos novos movimentos LGBT foi à questão do trabalho, enquanto direito humano, e meio de desconstrução dos estigmas e preconceito em relação às pessoas LGBT.

Como pode ser observado, a partir dos diversos trabalhos, principalmente históricos, podemos inferir que gays e lésbicas, no campo do trabalho, poderiam passar despercebidos vivendo dentro de seus “armários”. Eve Kosofsky Sedgwick (2007) aponta que o movimento ocorrido no Stonewall Inn, no ano de 1969, promoveu um sentimento de revelação da sexualidade, mas, por

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

outro lado, também aconteceu um movimento inverso: muitas pessoas homossexuais não “saíram do armário”. Segundo a autora, diante de um processo narrativo elástico, as formas de controle social sobre a sexualidade não foram desmontadas, por isso:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p. 22).

O armário, como visto, constitui-se para as pessoas homossexuais, principalmente gays, lésbicas e bissexuais, um meio de estratégia de sobrevivência social, já que, diante de uma sociedade heteronormativa, inclusive no que diz respeito às questões do trabalho, aparecer e desaparecer, visibilizar ou invisibilizar a sexualidade é um movimento estratégico de modelação, ou nos termos do drama social, uma representação performativa no teatro da vida social, que solicita determinados papéis sociais (GOFFMAN, 1985).

A ideia de formulação/criação de estratégias de sobrevivências de pessoas gays e lésbicas, no mercado e no ambiente de trabalho, foi investigada por Hélio Artur Reis Irigaray e Maria Ester de Freitas (2011; 2013). No Brasil, de acordo com os autores,

No mercado de trabalho, os homo e bissexuais masculinos, quando comparados aos heterossexuais com a mesma experiência, educação, profissão, estado civil e região de residência, percebem um salário, em média, de 11% a 27%, inferior e a probabilidade de serem alvo de alguma agressão física ou verbal no ambiente de trabalho, até mesmo ser demitido, é duas vezes maior (IRIGARAY; FREITAS, 2013, p. 77).

O ambiente de trabalho nas empresas privadas pesquisadas por Hélio Artur Reis Irigaray e Maria Ester de Freitas, é considerada pelas pessoas gays, lésbicas e bissexuais como lugar hostil,

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

mesmo que, na atualidade, muitas organizações já se preocupem com uma gestão da diversidade, o que não é impedimento para que comentários homofóbicos disfarçados de piadas e brincadeiras não surjam no ambiente de trabalho. No estudo com homens gays e bissexuais, os pesquisadores os dividiram em três categorias de análise: (01) totalmente assumidos, (02) parcialmente assumidos e (03) não-assumidos. Para esta análise, chama-nos a atenção a segunda categoria, pois, como informam os pesquisadores,

Estes podem ser heterossexuais organizacionais, aqueles que apesar de serem assumidos perante a família e os amigos, hesitam em se assumir no ambiente de trabalho; ou heterossexuais funcionais, indivíduos que compartilham sua identidade sexual apenas com um seleto grupo de amigos e a omite a qualquer preço da família e dos colegas de trabalho. Na maioria das vezes, os indivíduos que compõem esta categoria vivem uma vida dupla fictícia, ou seja, inventam namoradas, levam amigas, que se passam como namoradas, aos eventos corporativos, ou ainda, trocam o nome do parceiro por um nome de mulher, quando se referem a ele na empresa (IRIGARAY; FREITAS, 2013, p. 83).

Diferentemente dos outros dois grupos, um que consegue manipular sua identidade sexual de modo mais visível e o outro que não a apresenta de modo algum, os heterossexuais organizacionais, como chamam os pesquisadores este grupo intermediário, vai de encontro aos escritos de Eve Kosofsky Sedgwick (2007) coadunando com o movimento percebido já nos anos de 1980 e 1990. Este grupo tem que elaborar duplas e múltiplas estratégias. Duplas no sentido de que, no ambiente de trabalho, re(a)presentam um papel heterossexual para a grande maioria dos colegas de trabalho, sendo alguns poucos dignos de confiança para realmente saber de sua homossexualidade. E quando estão em outros locais fora do ambiente de trabalho, podem expressar sua sexualidade mais livremente, e múltiplo no sentido de que, estando dentro ou fora do ambiente de trabalho, têm que mobilizar vários cenários para manutenção de sua fachada (GOFFMAN, 1985; 2011), o que os levam a adotar um posicionamento no ambiente de trabalho mais neutro, assumindo assim estratégias de se voltar para o coeficiente de trabalho e o bom relacionamento com os demais colegas, retirando assim o foco da sexualidade (IRIGARAY; FREITAS, 2008).

As mulheres lésbicas, por sua vez, além de enfrentarem as discriminações sociais pelo fato de serem mulheres em uma sociedade androcêntrica, ainda agregam as questões da homossexualidade e suas rotulações tanto na sociedade em geral, quanto dentro do próprio grupo LGBT. De acordo com Hélio Artur Reis Irigaray e Maria Ester de Freitas (2011), assim como os gays, as lésbicas do grupo pesquisado também observam como melhor estratégia de sobrevivência no ambiente de trabalho a omissão da sexualidade.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

Apresentados alguns apontamentos sobre o mercado de trabalho e as pessoas gays, lésbicas e bissexuais, e como percebido, através dos estudos tanto mais atuais, como os mais antigos, estas pessoas conseguem mais facilmente ser “heterossexuais organizacionais”, conseguindo postos no mercado formal de trabalho, como pode ser visto nas pesquisas. Esta situação não é a mesma de pessoas Travestis, Transexuais e Transgêneros (Ts) no Brasil. Quando se observam as investigações que trataram de pensar o mercado de trabalho e as populações Ts, percebe-se que estas pessoas encontram dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal muito mais elevadas do que gays, lésbicas e bissexuais. A população Ts, em especial as travestis que socialmente carregam diversos estigmas negativos, inclusive no que se refere ao mercado de trabalho, já que a elas é atribuído o rótulo universal de que são prostitutas, e que a prostituição é o único meio que estas pessoas têm para conseguir uma renda.

As travestis, em seus processos de construção corpóreo-sócio-sexual que se afastam de um modelo binário de corpo sexuado, e que investem em seus corpos o simbólico feminino, diferente dos gays, lésbicas e bissexuais que, em geral, não realizam modificações corporais, não conseguem adotar as mesmas estratégias, como, por exemplo, a omissão da sexualidade, já que esta é inscrita no seu corpo como uma tatuagem. Como escreveu Luma Nogueira Andrade (2012, p. 88), “A palavra identidade remete a outra palavra: identificação, cuja a escrita não é apenas gráfica, é também corporal; identificação não se escreve somente com tinta, pois é vivida, é sentida, é como tatuagem que marca o corpo e alma das pessoas.”. Assim, o corpo travesti fala por si só, apresenta as fronteiras do gênero e as possibilidades da sexualidade, o que, sendo o mercado de trabalho um grande reprodutor da heteronormatividade, ou seja, aceitando de algum modo aqueles que conseguem viver e apresentar-se sob os signos da heterossexualidade num mínimo de continuidade, ou seja, sexo-gênero, já que o desejo pode ser escondido, invisibilizado, privatizado.

Nos estudos realizados por Karen Ketlin Kaffer et. al (2016), na cidade de Curitiba, descrevendo as experiências de 2 pessoas Ts no mercado de trabalho, chama atenção o momento em que uma das entrevistadas fala sobre sua seleção de emprego em um *call center*, onde, após ter passado por todas as fases da seleção, e chegando à última, uma das supervisoras teve que se dirigir a sua superior para se informar se a contratação poderia ser realizada, o que de felizmente ocorreu. Estudo semelhante e com maior aprofundamento é o apresentado por Henrique Luiz Caproni Neto e Luiz Alex Silva Saraiva (2014), que apresentam a trajetória profissional da travesti Luciana que, em seu processo de modificação, enquanto trabalhava numa fábrica de doces, sendo que, quando ficou desempregada, percebeu as dificuldades de realocação no mercado, como escrevem os pesquisadores:

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

Na busca por uma nova vaga no mercado de trabalho, dessa vez, em comparação com quando ainda tinha uma identidade masculina, era reconhecida pela pessoas como gay e se reconhecia assim, Luciana percebe uma grande restrição e dificuldade. Ela analisa que as dificuldades se triplicaram, uma vez que raramente é indicada para alguma vaga, convidada para participar de algum processo seletivo ou entrevista. E quando a convidam para alguma, sempre tem a sensação de que não será aceita ou de que não deveria estar naquele local. Mesmo buscando usar uma maquiagem leve e uma vestimenta formal, tem o sentimento de que os profissionais nas seleções sempre lhe olham com desdém e preconceito, assim sendo nunca é contratada. Ouviu, uma vez, uma gerente comentando: "Nossa, é travesti. Como a gente vai lidar com ela? Não dá!" (CAPRONI NETO; SARAIVA, 2014, p. 242).

Após diversas tentativas de reinserção no mercado formal de trabalho, juntamente com a falta de qualificação profissional em relação ao tempo de estudo, Luciana começou inicialmente a oferecer serviços sexuais em um site de relacionamentos e, posteriormente, foi para a Itália com a ajuda de uma amiga.

Como pode ser visualizado, a prostituição, ou o oferecimento de serviços sexuais, como preferimos denominar, não é a única fonte de renda para essas pessoas, porém, como pode ser visto, através do caso apresentado por Henrique Luiz Caproni Neto e Luiz Alex Silva Saraiva (2014), após diversas tentativas de adentrar no mercado de trabalho formal, e sem obterem sucesso, as travestis têm e vêm no mercado sexual uma saída. Vale lembrar que a exclusão e estigmatização das travestis, no mercado de trabalho, é apenas mais uma de várias possíveis, ou seja, da família, da escola, da igreja, etc.. Como visto nas pesquisas de Don Kulick (2008), Hélio Silva (2007), Larissa Pelúcio (2009) e Wiliam Siqueira Peres (2015), os locais e casas de prostituição tornam-se um lugar de amparo para as travestis que, em suas trajetórias de vida, passaram por diversos momentos de exclusão, sendo estes lugares, geralmente as casas de prostituição, os apartamentos que as travestis dividem aluguel, ou cortiços com vários quartos, dentre outros, que as travestis criam laços de amizade e de profissão.

Diante deste panorama sobre o mercado de trabalho e as pessoas LGBT, apresentamos as experiências profissionais das travestis participantes da investigação, buscando (re)conhecer e analisar as experiências descritas junto a literatura exposta.

Laura atualmente trabalha em uma pousada que recebe romeiros durante o ano inteiro, mas no período das romarias a pousada geralmente recebe sua capacidade máxima de hóspedes. Laura, além de ficar na recepção, também executa serviços de limpeza tanto nas áreas comuns, quanto nos quartos. Além deste emprego, Laura também realiza trabalhos sexuais, mas explica que, hodiernamente, tem medo de ficar em pontos de prostituição, por conta do risco de vida.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

Laura: Eu sou muito temente. Assim, temente a Deus, eu quero viver, muitas [travestis] não estão nem aí, é muito perigoso. Imagina aí, chegar 7 horas da noite, e eu tá ali num poste, arriscado e vir um cliente assim e pá!!! Só dois tiros na cabeça.

Laura conta que, quando oferecia serviços sexuais em pontos de prostituição, sempre agradava seus clientes por ser profissional, não roubando-os e sempre recebendo o valor acertado pelo serviço, como descreve em algumas de suas experiências.

Laura: Muitas travestis quando eu tava fazendo ponto desciam dos caminhão, pois acertava o preço e depois cobrava outro. Elas entravam dentro dos caminhão por 40,00 R\$ e queriam sair por 200,00 R\$. Ai os caminhoneiros violentos diziam: - É 200,00 R\$? Elas respondiam: -Não é só 40,00 R\$, ai eles diziam que nem os 40 conto ia pagar. Ai os clientes que faziam com elas, fizeram comigo e eu cobrei os 40,00 R\$ e no outro dia disse que queria de novo. Ai, 40 num dia, 80 no outro e estou com o cliente até hoje. A gente tem que às vezes puxar o saco do cliente<sup>5</sup>.

A ideia de que a prestação de serviços sexuais é algo fácil deve ser repensada, como pode ser visto a partir das falas de Laura. A violência na qual as travestis estão expostas quando oferecem serviços sexuais também é ressaltada por Adriana e Valéria, que também realizam serviços domésticos na casa em seus bairros, como foi apontado por Valéria quando ressaltou que sua saída da escola estava ligada ao trabalho em uma casa de família.

Adriana conta como foi que começou a trabalhar com serviços sexuais e aponta que o município de Canindé é apenas o começo da vida para muitas travestis, pois, para muitas, é preciso sair do município, que é pequeno, para conseguir realizar-se enquanto travesti.

Pesquisadores: Como você começou a trabalhar?

Adriana: Com 16 anos eu já me montava, ai eu já saia para trabalhar, então foi na noitada que eu usava drogas pesadas. Eu comecei aqui no Canindé mesmo, tem o posto, a praça, tem alguns locais que você faz programa, porque tipo, é aquela coisa, quando você é travesti sempre que você tá numa balada, ta num canto, sempre chega um homem atrás de sair com você, é claro que você vai cobrar, você já sai a noite pra batalhar, pra ganhar.

Pesquisadores: Como é a prostituição aqui em Canindé?

Adriana: Aqui no Canindé quando a travesti começa a se prostituir, começa ir pra praça, pros postos. Aqui mesmo não dá pra ganhar a vida não, é muito fraco, até porque é uma cidade pequena, muito pouco habitante, então as bichas começam a vida aqui e com um certo tempo vão para Fortaleza ou Maracanaú, e de lá elas partem pra São Paulo, pra fazer o corpo. Aqui mesmo não dá, você só começa. É como se o Canindé abrisse a porta para o ramo da prostituição, porque logo elas

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 21/05/2016 em Juazeiro do Norte, Ceará.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

saem fora, elas não fica aqui, por conta de ser pequeno e você não consegue ganhar para sobreviver<sup>6</sup>.

Como pode ser visto, Laura, Adriana e Valéria têm na prostituição uma fonte de renda, mas não a única. Destaca-se também, a partir dos depoimentos, as questões da violência que envolve neste trabalho. Relevamos os apontamentos de Wiliam Siqueira Peres,

No caso das travestis, uma organização não governamental<sup>7</sup>, de Fortaleza/CE tem realizado uma pesquisa através do Projeto Travestis: educando e prevenindo, coordenado pela travesti Janaína Dutra (2000), que evidenciam que no Ceará, na região nordeste brasileira, na qual o machismo é mais acentuado e cujos os indicativos socioeconômicos são precários, se comparados com as regiões sul e sudeste, ocorrem verdadeiras atrocidades contra a cidadania das travestis, que vão desde agressões físicas e letais até discriminações que impedem o acesso à escola, ao trabalho e ao lazer, comprometendo a própria dignidade das travestis, que como último recurso, se apropriam da prostituição como modo de sobrevivência (PERES, 2015, p. 44).

São necessárias algumas ressalvas quanto às proposições que se remetem ao nordeste brasileiro, tanto de cunho histórico como contemporâneo. Assim, o autor supracitado tem razão quando aponta que o machismo é mais acentuado nesta região do país, mas, como pode ser observado, mesmo com esses resquícios históricos, que acentuavam a figura do homem nordestino, emergiram na cultura meios de burlar essas construções.

Mesmo dentro de uma cultura como a nordestina, onde as práticas, imagens e enunciados definem e exigem, de forma muito estrita, o ser masculino, as maneiras de praticar esse gênero são variadas, as trajetórias culturais metaforizam a ordem dominante, impõem esta microresistências, gerando microdiferenças. Trajetórias culturais de homens que muitas vezes podem ser exemplos da arte no exercício ao mesmo tempo da ordem e da burla (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 26).

Outro ponto a ser destacado e repensado, que foi apontado por Wiliam Siqueira Peres, diz respeito às questões de ordem socioeconômica que, segundo o autor, são precárias em relação às regiões sul e sudeste. Neste contexto, apontamos que é necessária uma maior análise com fundo histórico e social, já que o Brasil, em seu processo de desenvolvimento, apresenta múltiplas facetas econômicas e sociais. Este tipo de comparação, quando se tenta explicar os fenômenos da violência contra LGBT, a partir de fatores socioeconômicos, levando em conta as regionalidades, é plausível, porém pode ser tendencioso. Como mostram as estatísticas oficiais e não oficiais, a violência contra LGBT é uma realidade que assola todo o país, sendo as “atrocidades” que acometem a população

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 01/06/2017, em Canindé, Ceará.

<sup>7</sup> A organização não governamental, a qual o autor faz referência, é o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB).

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

LGBT nordestina, também acometem as populações do sul e sudeste do Brasil. Em virtude disso, falamos de um problema de ordenamento nacional.

Desconfiamos dos dizeres universais, conforme visto na trajetória de vida de Laura, Adriana e Valéria que a prostituição surgiu em suas vidas como mais uma fonte de renda, diferentemente do que apresentaram Marcela e Íris que, em suas entrevistas, apontam que conseguiram adentrar ao mercado de trabalho formal e informal.

Marcela terminou o ensino médio normal e trabalhou como professora de séries primárias em uma escola no município de Juazeiro do Norte, por cerca de um ano. Mas, depois saiu do emprego e começou a trabalhar em uma organização não governamental LGBT e hoje é uma empreendedora do ramo de variedades, trabalhando principalmente nas romarias.

Marcela: Atualmente sou empresária com loja de importados, trabalho como camelo e tenho um ponto de vendas no mercado, em fim, trabalho com roupas, com tudo<sup>8</sup>.

Íris, a única das entrevistadas a terminar o ensino superior, é professora de teatro e também é atriz em uma companhia de teatro. Atualmente, ela vem trabalhando em peças de teatro e dando aulas em escolas de Juazeiro do Norte e Crato. Vale ressaltar que Íris foi a primeira travesti a concluir um curso de graduação na universidade onde se formou, rompendo assim mais uma barreira imposta para a grande maioria das pessoas travestis do Brasil.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se perceber que as trajetórias de vida das travestis participantes da pesquisa, ora se assemelham e ora se distanciam. No mercado de trabalho, percebemos que o preconceito, a discriminação e os estigmas que são atribuídos às pessoas travestis estão em todas as instâncias sociais, inclusive no mundo do trabalho, mesmo que, na atualidade, as organizações privadas estejam buscando uma gestão da diversidade, ainda há um grande caminho a ser percorrido, principalmente no mercado e ambiente de trabalho que ainda é heteronormativo, como aponta a literatura e o campo de investigação.

As trajetórias profissionais das informantes da pesquisa apontam que a venda de serviços não é o único meio para sobrevivência destas pessoas, sendo que estas travestis exercem outras profissões, mesmo que estejam na informalidade. Trabalho e escola são duas instâncias da vida que

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 19/09/2016, em Juazeiro do Norte, Ceará.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

estão correlacionadas, como pode ser visto apenas uma das participantes conseguiu concluir o ensino superior, duas o ensino médio, e duas não conseguiram concluir o ensino fundamental, o que torna ainda mais difícil a inserção no mercado de trabalho formal, sendo estas obrigadas a buscar outros meios de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940).** Maceió: Edições Catavento, 2003.

ANDRADE, L. N. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

CAPRONI NETO, H. L.; SARAIVA, L. A. S. Estigma na Trajetória Profissional de uma Travesti. In: **Teoria e Prática em Administração**, v. 4 n. 2, p. 234-256, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tpa/article/view/16561>>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990.** São Paulo: Editora 34, 1992.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOMES FILHO, A. S.; MELO, M. A. S. ANÁLISE HISTÓRICA DO MOVIMENTO LGBT MUNDIAL: DO MOVIMENTO HOMÓFILO A LIBERAÇÃO GAY NOS ESTADOS UNIDOS. In: **Anais do X Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade.** Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande-PB, 2014.

IRIGARAY, A. H. R. **A Diversidade nas Organizações Brasileiras: Estudo sobre orientação sexual e ambiente de trabalho.** Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

IRIGARAY, A. H. R.; FREITAS, M. E. Estratégia de Sobrevivência dos Gays no Ambiente de Trabalho. In: **PSICOLOGIA POLÍTICA.** v. 13. n. 26. p. 75-92, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n26/v13n26a06.pdf>>. Acesso em: 08 Maio 2017.

IRIGARAY, A. H. R.; FREITAS, M. E. SEXUALIDADE E ORGANIZAÇÕES: ESTUDO SOBRE LÉSBICAS NO AMBIENTE DE TRABALHO. In: **Organizações & Sociedade**, v.18, n. 59, p.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. MELO, Miguel Ângelo Silva de. ALBUQUERQUE FILHO, José Antônio. ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho. **Experiências no mercado de trabalho de travestis cearenses: andanças entre as terras de padre Cícero e São Francisco de Assis.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.12, n.3, p. 01-12, TRI III 2018. ISSN 1980-7031

625-641, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v18n59/a04v18n59.pdf>>. Acesso em: 08 Maio 2017.

JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** 2. ed. Fortaleza: Premium, 2011.

KAFFER, K. K. et al. A TRANSEXUALIDADE E O MERCADO FORMAL DE TRABALHO: PRINCIPAIS DIFICULDADES PARA A INSERÇÃO PROFISSIONAL. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais.** 2016. Disponível em: < <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/52> >. Acesso em: 10 Jun. 2017.

KULICK, D. **TRAVESTI: PROSTITUIÇÃO, SEXO, GÊNERO E CULTURA NO BRASIL.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MELO, M. A. S. de; SILVA, I. O. M; DIAS, K. M.; GOMES FILHO, A. S. A Homofobia como Signo Ideológico dos Crimes de Ódio: Uma Análise da Argumentação Discursiva sobre os Direitos LGBT'S. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.11, n. 38, p. 57-79, 2017. Disponível em: < <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/877>>. Acesso em: 05 Dez. 2017.

MELO, Miguel A. S. **Representações Sociais da Violência contra Homossexuais no Judiciário:** Um estudo de caso de crime de ódio homofóbico no Estado do Ceará. 305 p. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, 2017.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo:** uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERES, W. S. **Travestis brasileiras:** dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015.

ROSENDAHL, Z, **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: **Caderno Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, H. **Travestis:** entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.